

A PLURALIDADE DOS POVOS E A UNIDADE DO GÊNERO HUMANO

*Considerações em torno do Congresso Internacional de Antropologia
(Viena, 1952)*

JOSEF HAEKEL

Professor da Universidade de Viena

O etnólogo americano Cl. Kluckhohn em seu livro "Mirror for Man", *best-seller* dos Estados Unidos, escreveu as importantes palavras: "Em muitos sentidos, direta e indiretamente, pode a antropologia influenciar a opinião pública. Não é de somenos importância o ser ela capaz de demonstrar a unidade fundamental do gênero humano, a despeito de acentuadas divergências... A solução que o antropólogo apresenta (para problemas humanos de atualidade) é unidade na multiplicidade." Esses pensamentos tiveram expressão concreta no 4.º Congresso Internacional de Antropologia e Etnologia, reunido de 1.º a 8 de setembro de 1952 nas salas da Universidade de Viena. Com a presença de uns 800 congressistas de 51 países, o conclave foi dos maiores de seu gênero, testemunho do alto conceito da escola etnológica vienense em todo o mundo e do prestígio de Viena como centro de cultura. Para avaliar a riqueza e variedade do trabalho realizado, basta considerar que se fizeram cerca de 400 conferências, distribuídas por 20 seções, das quais 11 se referiam à etnologia em sentido restrito. À antropologia física couberam quatro seções; as restantes se distribuíam pelas ciências afins, como pré-história, linguística, psicologia etc.

As conferências e discussões proporcionaram um quadro vivo da multiplicidade e complexidade da vida dos povos e dos processos culturais. Mais do que nunca, evitam-se hoje em dia as tentativas de apreender a marcha cultural da humanidade por meio de explicações simplistas e de esquemas fáceis, circunstância que se coaduna muito bem com a riqueza das energias espirituais do homem e com as possibilidades quase inesgotáveis de suas manifestações culturais. Cada uma das numerosas culturas é uma individualidade. Toda cultura tem a sua história própria e única, e as diferentes configurações de vida dos povos ligam-se umas às outras por laços históricos. Já se passou a época em que se fazia começar a história da humanidade com as altas-culturas da antiguidade,

os egípcios, babilônios ou gregos; também a humanidade preletrada, as populações tribais, objeto específico da pesquisa etnológica, têm a sua história, que se elucida pela análise e apreciação comparativa das respectivas culturas e pela avaliação crítica de suas tradições. Mas há, na aplicação desses processos, uma limitação decorrente de sua própria natureza. A pesquisa etnológica não pode deixar de considerar, na medida do possível, os resultados da prehistória e os relatos escritos, por ventura existentes, sobre populações tribais (antigas crônicas e anais, informações da época dos descobrimentos etc.), a fim de se completar e corrigir a cronologia relativa (estratos culturais), obtida com auxílio de determinados critérios da etnologia histórica e de se compreenderem melhor as mudanças ocorridas nas configurações em apreço.

Todavia, cabe também às ciências do homem, entre as suas tarefas principais, procurar na extraordinária variedade de povos e de culturas a existência de princípios de ordenação, compendiar os resultados de pesquisa já obtidos e aspirar à realização de sínteses. Esforço neste sentido dispendeu-o há decênios a escola de etnologia histórica de Viena (Schmidt, Koppers). Os ciclos culturais estabelecidos estão, porém, sendo submetidos em Viena a ampla revisão, o que, aliás, se impõe à vista de novos fatos e da reformulação dos problemas. A autocrítica diante dos resultados de investigações anteriores, quais sejam as reconstruções históricas da marcha cultural das populações tribais, bem como a vontade de, sobre o fundamento dos resultados obtidos, alcançar também mudanças incisivas na apreciação científica do material etnológico, testemunham o vigor e a elasticidade da etnologia de orientação histórica, fato que, aliás, se tornou patente repetidas vezes no congresso de Viena. Além disso, torna-se cada vez mais promissora a colaboração entre a perspectiva histórica e outras orientações etnológicas (estudo de estrutura e função etc.), já posta em prática em outros países. Aplicadas de maneira sensata, essas orientações não se opõem ao método histórico da etnologia; ao contrário, vêm completá-lo, da mesma forma como este lhes serve de complemento.

Pode-se considerar como símbolo eloquente o fato de que, no congresso, o folclore europeu e austriaco estavam representados como secção da etnologia. O etnólogo preocupado com povos extra-europeus tem muito que aprender com o folclore do âmbito cultural do Ocidente, assim como, por seu turno, o folclore europeu pode encontrar compreensão mais aprofundada e a sua justa avaliação por meio da etnologia. Pois em última análise as culturas populares da Europa têm as suas raízes em estratos culturais em princípio ainda hoje existentes em populações tribais. Na sessão inaugural, o Prof. Wilhelm Schmidt, presidente do congresso, fundador e mestre da escola etnológica de Viena, e hoje ancião de 84 anos de idade, demonstrou que o processo histórico geral da transformação dos povos coloniais em nações politicamente independentes não deixará de refletir-se no estudo dos povos, uma vez que esses povos se encarregarão, eles próprios da investigação científica das velhas culturas de que são portadores. Incremento especial foi o que a pesquisa tomou no Ja-

pão, cujos etnólogos, colaborando com os prehistoriadores e antropólogos do país, já puderam apresentar resultados significativos relativos à estruturação cultural do arquipélago. Personalidades proeminentes da etnologia japonesa (M. Oka, E. Ishida) receberam a sua formação profissional no Instituto de Etnologia de Viena.

No discurso de encerramento, Schmidt salientou a fertilidade do contacto pessoal dos representantes dos diferentes países. Por meio de discussões e explicações a viva voz, os que se opõem uns aos outros no campo da ciência chegam a estimar-se uns aos outros e a compreender os respectivos pontos de vista. Isto se coaduna bem com o que confere a Viena, como à Austria, a fama de possuir o dom de bem compreender as coisas diferentes e de assim se tornar um centro mediador para harmonizar contrastes.

Não é fácil dar, em limitado espaço, apreciação sequer aproximativa dos numerosos temas e dos resultados científicos do congresso. Indicar-se-ão somente alguns pontos de relêvo. Realizaram-se conferências de alcance fundamental sobre as relações entre a etnologia e as ciências afins, destacando-se a de W. Koppers, que apresentou novos conceitos no tocante ao paralelismo de etnologia e prehistória. Vários congressistas discutiram o tema atual da aplicação do conhecimento etnológico à escola e à educação do povo, insistindo na necessidade de se promover neste sentido renovação do ensino da história e da geografia, uma vez que, hoje mais do que nunca, se impõe orientação universal. Representantes da escola etnológica de Frankfurt comunicaram resultados notáveis de sua última expedição ao sudoeste da Abissínia, onde estudaram tribos em parte desconhecidas. Numa série de conferências tratou-se de relações intercontinentais entre a Europa, o suéste da Ásia e a Oceania, sobre a base de surpreendentes coincidências em motivos artísticos, representações e costumes. Chr. Fürer-Haimendorf (Londres) apresentou nova e bem fundamentada hipótese de trabalho sobre a origem das línguas drávidas da Índia anterior: estas teriam penetrado na Índia, juntamente com um complexo megalítico e uma técnica de trabalhar o ferro, após a invasão ariana e em consequência de movimento de migrações vindas de oeste no primeiro milênio antes da era cristã. Foi de grande interêsse também uma comunicação sobre recentes escavações nas Ilhas Andamanes do Golfo de Bengala, trazendo novas idéias sobre a posição etnológica dos pigmeus aí existentes e tidos como sobremodo primitivos. Em instrutiva conferência, E. Schaden (São Paulo) discutiu um caso interessante de mudança e integração culturais, mostrando como os índios Guaraní outrora abrangidos pela organização do estado jesuítico do Paraguai abandonaram em larga escala as conquistas da civilização transmitidas pelos sacerdotes, adaptando elementos cristãos ao sistema de crenças tribais reavivado.

Entre os conferencistas estava representada também a nova geração de etnólogos do Instituto de Etnologia de Viena. Dois estudantes, que, dispondo de escassos recursos, haviam feito uma viagem de estudos de

vários meses em visita aos Tuareg, nômades do Saara criadores de camelos, discorreram sobre resultados de suas pesquisas.

A antropologia física, que, ao contrário da etnologia, se enquadra no domínio das ciências naturais, foi enriquecida, entre outras, com comunicações sobre achados de formas humanas antigas (o problema do *Homo sapiens*) e sobre uma série de questões especiais de ordem genética, biológica e de outra natureza. M. Gusinde (Washington) falou sobre os resultados antropológicos de sua expedição científica aos Boximanos da África meridional.

Em sessão especial, convocada com o fim de se discutir a organização e execução de tarefas de pesquisa de grande atualidade, o vice-presidente do congresso, R. Heine-Geldern, chamou a atenção dos antropólogos para a necessidade premente de se investigarem de maneira exaustiva a cultura e a língua de tribos quase ou de todo desconhecidas, a fim de na última hora se salvarem para a ciência documentos culturais insubstituíveis, antes que desapareçam de todo. Principalmente a América tropical está hoje entre as regiões do globo menos exploradas do ponto de vista etnológico e pré-histórico, como do linguístico. Cumprirá tomar, sobre base internacional, medidas tendentes à consecução desses quesitos.

Atrás da estonteante multiplicidade de culturas, línguas e raças, a etnologia descobre a unidade essencial do gênero humano; em todos os povos vê o homem como personalidade, como criador e sujeito da história e da cultura, na liberdade fundamental de suas decisões e de sua maneira de agir. De outro lado, não deixa de notar quão enigmática e desconhecida continua a apresentar-se a manifestação das forças culturais, de modo que o pesquisador consciente de sua responsabilidade e avesso ao sensacionalismo reconhece honestamente a existência de um sem-número de questões ainda não resolvidas.

A proposta apresentada pelos colegas norte-americanos na sessão de encerramento, de se realizar o próximo congresso de antropologia e etnologia na cidade de Filadelfia, foi aceita com unanimidade.